



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO NA ESCRITA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA REDUÇÃO DESTE FENÔMENO

Regina Claudia Custódio de Lima
Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/PROFLETRAS/CAPES)
reginaclaudialima@gmail.com
leonidas.silvajr@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa enfatiza a descrição de um fenômeno da oralidade que se transfere para a escrita, a monotongação, observada como um evento muito comum nos textos escritos pelos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de João Pessoa (PB). Observou-se na escrita desses alunos tanto a tendência de reduzir os ditongos (monotongação) como a de produzi-los (ditongação). Por isso, apresentamos, neste trabalho, os fatores fonéticos e fonológicos, além dos fatores linguísticos e extralinguísticos responsáveis por essas variações. Entre estas, a variação social (diastrática) é que mais corrobora para a ocorrência desse fenômeno tanto na fala quanto na sua transposição para a escrita. Por fim, procuramos demonstrar que tais fenômenos, se considerados como variantes linguísticas à luz dos estudos fonéticos e fonológicos, podem ser minimizados na escrita com o auxílio do professor, quando este propuser atividades de retextualização – transformação do texto falado para o texto escrito - que levem o aluno à reflexão sobre diferenças e semelhanças entre a fala e a escrita, a fim de alcançar uma consciência fonológica capaz de cooperar na escrita adequada de palavras com ditongo, evitando, assim, a monotongação.

Palavras-chave: Monotongação, Ditongação, Variação e Ensino da Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu da constatação de que uma grande parte dos alunos já cursando a segunda etapa do Ensino Fundamental tem uma enorme dificuldade em relação à escrita de palavras do vocabulário considerado simples. Eles apresentam problemas básicos na produção escrita que, nesta fase, já deveriam ter sido sanados.

Entre as dificuldades observadas nas sondagens realizadas nos primeiros dias letivos de 2015 observamos a migração para a escrita de dois fenômenos comuns na fala, a



ditongação e a *monotongação*, sendo esta o fator motivador da sugestão de uma atividade que pudesse influenciar positivamente na escrita dos alunos para evitar esse fenômeno.

A ditongação é descrita como um “fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim, existência no sistema da língua, mas em sua realização na fala” (ARAGÃO 2000, p. 112).

Marcuschi (2007) corrobora com essa definição já que, o que se observa, na prática em sala de aula, é a ocorrência desses fenômenos por influência da fala na escrita, ainda que nos textos de alunos que já deixaram as séries iniciais do Ensino Fundamental.

A trajetória evolutiva das perspectivas teóricas de estudos sobre a linguagem deu um grande salto ao considerar as variantes linguísticas como “processos inerentes à língua, tanto em nível fonético-fonológico como em nível gramatical” (HORA, 2004, p. 14). Hoje a língua não é mais vista como um sistema homogêneo, uniforme, estático e sem relação com o contexto social.

A Teoria da Variação opõe à ausência do comportamento social e à concepção de língua que até então impera na linguística estrutural e gerativa. Situa-se em relação ao conjunto *língua e sociedade*, considerando a variedade das formas em uso como objeto complexo, decorrente dos fatores internos, próprios do sistema linguístico, e dos fatores sociais que interagem no ato da comunicação. (HORA, 2004, p. 18)

Aragão (2000) ainda demonstra que existem “fatores linguísticos e extralinguísticos responsáveis por essas variações” (ARAGÃO, 2000, p. 109) e que, entre eles, a variação social (diatrática) é que mais coopera para a ocorrência desse fenômeno tanto na fala, quanto na sua transposição para a escrita.

Sob o ponto de vista da Fonética, Silva (2014) nos explica que um ditongo é “uma vogal que apresenta mudanças de qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica”. Grosso modo, podemos simplificar e dizer que o ditongo é a ocorrência de dois segmentos vocálicos na mesma sílaba, como ocorre, por exemplo, na palavra “pais”.

Ao representarmos o ditongo [ai] da palavra “pais” estamos expressando que ocorre um movimento contínuo e gradual da língua entre duas posições articulatórias vocálicas: de [a] até [i]. Em tal articulação os dois segmentos [a] e [i] ocupam uma única sílaba. Um destes segmentos é o núcleo da sílaba (no caso de “pais” o núcleo da sílaba é [a]). O outro segmento é assilábico, não podendo ser núcleo da sílaba e corresponde ao glide. (SILVA, 2014, p.28)



A formação do ditongo ocorre pela junção de uma vogal e um *glide*, mais conhecido como semivogal. Em transcrições fonéticas, são representados ora por consoantes [j, w], [y, w] ora por vogais do inglês [ɪ, ʊ] ou do português [I, U].

A ditongação ocorre por meio do processo chamado de *assimilação* ou *epêntese*, o qual consiste no “acréscimo de um segmento à forma básica de um morfema.” (SEARA, 2011, p. 115). É o caso, por exemplo, da escrita da palavra “nós” como “nóis” [ˈnɔjs].

Netto (2012) explica esta ocorrência de transformar “nós” em [ˈnɔjs] pelo fato de que quando uma oxítone ou monossílaba termina em [s], ocorrerá a inserção do glide [j] antes da fricativa alveolar.

Existem ainda os casos em que a ditongação ocorre por influência da “hipercorreção”, em que palavras como “boa” e “pessoa” são escritas como [ˈbowa] e [peˈsowa], conforme pesquisa apresentada por Netto (2012). Nesses casos, existe a intenção de adequar-se à variante prestigiada, aquela que é mais valorizada pela escola.

Já o fenômeno linguístico descrito como monotongação é, nas palavras de Aragão (2000), “uma redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação”. Essa tendência pela redução dos ditongos é bastante antiga, vem desde o latim, e tem sido estudado tanto como variação fonética, tendo em vista a economia na articulação, quanto como uma marca sociolinguística e dialetal (ARAGÃO, 2000, p. 113). Ela mesma também reforça sua definição de monotongação citando Câmara Jr. mais uma vez:

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido o monotongo ou /ô/, em qualquer caso, e ai /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chiente (p)ouca, (b)oca, (c)caixa, como acha, (d)deixa.

Segundo Aragão (2000), existem fatores fonológicos que favorecem as ocorrências da monotongação, a saber:

a) Fonemas consonantais /ʃ, ʒ, r/ que surgem em posição posterior ao ditongo: o glide é neutralizado, conforme observados nos exemplos a seguir: “baixa” [ˈbaf̥a]; “paixão” [paˈʃãw]; “feijão” [feˈʒãw]; “queijo” [ˈkeʒu]; “touro” [ˈtuuru]; “feira” [ˈfeira].



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

b) A extensão da palavra: quanto maior o número de sílabas na palavra, mais a monotongação ocorre, como nos exemplos: “brasileira” [brasi'lera]; “esteira” [is'tera]; “aleijado” [ale'zadu]; “apaixonado” [apaʃõ'nadu]; “manteiga” [mã'tega].

Silva (2004) traz contribuições pertinentes ao estudo do apagamento do *glide* em ditongos orais decrescentes em sua análise de algumas amostras do *corpus* que compõe o *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB)*. Em sua pesquisa, a autora considerada como variáveis: o contexto fonológico seguinte e precedente ao *glide*, o valor fonemático do ditongo, a posição do elemento seguinte quanto à sílaba, a natureza morfológica e a tonicidade.

A pesquisadora constata que o contexto fonológico seguinte é o que exerce a maior influência no que se refere aos fenômenos relacionados ao ditongo:

“A monotongação do ditongo [aj] é favorecida quando o elemento seguinte é um [j] (91%) e inibida se o segmento for um [r] (19%) ou [l] (25%). Quando, porém, sua ocorrência se dá em posição final ou em palavra monossilábica (mais) a preservação do ditongo é categórica.” (SILVA, 2004, p. 31)

Para Bisol (1989) “todo ditongo seguido de palatal possui uma só vogal na estrutura subjacente, criando-se o glide por processo assimilatório que consiste no espraçamento do traço alto da palatal” (BISOL, 1989, p. 191 *apud* Silva, 2004, p. 32). Tomemos como exemplo disso a palavra “peixe”, pronunciada “pexe”. Nela ocorre esse espraçamento da palatal promovendo a pronúncia [‘peʃi].

Silva (2004, p. 33) retoma Bisol (1989) para referir-se à classificação dos ditongos em duas categorias:

- *ditongos pesados*: também chamado de ditongo fonológico, ele tende a ser preservado, já que sua alteração causa mudança de sentido da palavra. Vejamos como exemplo desse tipo de ditongo os monossílabos tônicos como “sei” [‘sei] e “pai” [‘pai], e palavras como “bairro” [‘bayRo]
- *ditongos leves*: são aqueles que sofrem processos assimilatório e, ao se tornarem vogal simples, não causam mudança de sentido. É o caso, por exemplo, das palavras “caixa” [‘kaʃa] e “paixão” [pa:ʃãw].



Em relação à variável “anos de escolarização”, a pesquisa de Silva (2004) confirma o que se diz nas literaturas em vigentes ao demonstrar que existe menor consciência fonológica acerca desse fenômeno entre os falantes menos escolarizados. Estes, por não terem conhecimento da forma de mais prestígio - o ditongo - tendem a monotongar com mais frequência.

Os dados apresentados na análise de Silva (2004) afirmam que “a monotongação de [ej] está diretamente relacionada com a presença da vibrante [r] – cadeira (98%) – ou das fricativas [ʃ] – deixo (95%) e [ʒ] – beijo (72%)”. Isto se explica pela assimilação do traço [+alto] das palatais com o glide [y]. Este mesmo tipo de espraçamento produz a monotongação do ditongo [ej], quando seguido da palatal [ʃ] como na palavra “deixa” que produz [ˈdeʃa].

Ainda aproveitando os dados de Silva (2004) em relação à variável “tonicidade da sílaba”, ela atesta que a monotongação do ditongo [ow] é mais recorrente quando este se apresenta em sílaba tônica, como na palavra “roubo” - [ˈRobu] e nos verbos terminados em “ou”, como “levantou” – [levãˈto], mas é inibido quando se encontra em sílaba pretônica, como na palavra "solto" [ˈsowtu].

O resultado mais interessante da pesquisa de Silva (2004), a qual se baseia em dados de falantes de João Pessoa, está na conclusão de que:

O ditongo [ow] atua diferentemente dos ditongos [aj] e [ej], sofrendo redução em quaisquer contextos, e independentemente das variáveis sociais: sexo, faixa etária e anos de escolarização. Os altos índices referentes à aplicação da regra indicam estarmos diante de um estado de mudança praticamente consumado. (SILVA, 2004, p.43)

Metodologia

O *locus* do trabalho é a *Escola Municipal de Ensino Fundamental Educador Francisco Pereira da Nóbrega*, situada no bairro do Cristo, na área periférica da cidade João Pessoa (PB), nas proximidades da BR 230. Este também é o local de trabalho da pesquisadora.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Retomando a situação já citada na *Introdução*, na qual se destaca a presença de monotongação e ditongação nos textos dos alunos, descrevemos aqui alguns procedimentos adotados com a finalidade de amenizar a ocorrência de tais fenômenos.

Os alunos escolhidos para observação dos fenômenos fonológicos de ditongação e monotongação e sua transposição da fala para a escrita são os alunos matriculados no 6º ano C, que têm idade entre 10 e 12 anos e representam o início da segunda etapa do Ensino Fundamental.

A primeira etapa do trabalho consistiu na apresentação da música *Um dia te levo comigo*, interpretada pela dupla sertaneja Jorge e Mateus. A canção foi escolhida porque nela estão presentes três palavras que contêm ditongos e que, na pronúncia cotidiana e não monitorada, sofrem o processo de monotongação: beijo [ˈbeʒus], cheiro [ˈʃeru] e ouro [ˈoru]. A música não era conhecida da maioria dos alunos, mas o ritmo, a melodia e a letra logo fizeram com que os alunos acompanhassem a canção. Vejamos o trecho da composição que contém as palavras citadas:

*“Não dá pra esquecer teus olhos
nem todos os beijos
que você me dá!
Não dá pra esquecer o cheiro
e o ouro do cabelo a me iluminar.”*

Link: <http://www.vagalume.com.br/jorge-e-mateus/um-dia-te-levo-comigo.html#ixzz3dMsw4Lim>

Foi realizada uma análise oral dos sentidos propostos pelo texto da canção. Entendemos que o personagem da música é alguém que trabalha viajando por estradas e passa muito tempo longe de sua amada, que é uma mulher loira. A saudade que sente dessa mulher faz com que ele queira voltar logo para ela e, por isso, utiliza-se de uma hipérbole (exagero) ao dizer que é capaz de correr até mais de duzentos quilômetros por hora só para revê-la. O texto, de teor romântico-sentimental, foi bem recebido pelos alunos também por coincidir ser trabalho na semana do dia dos namorados.

Em seguida, os alunos receberam um material impresso com a letra da canção, porém com algumas lacunas nas quais faltavam as palavras cuja escrita desejávamos analisar.



Pudemos observar a ocorrência da monotongação na escrita da maioria dos alunos que, após ouvir a canção, fizeram a transcrição da fala para a escrita, ou seja, escreveram as palavras que faltavam na letra da canção exatamente da forma como são pronunciadas nas práticas não monitoradas do cotidiano.

As atividades realizadas em consequência a esta constatação tem como principais objetivos:

- estimular o compartilhamento de opiniões para que todos tenham a oportunidade de contribuir com suas impressões;
- identificar conhecimentos prévios dos alunos sobre o ditongo;
- levar os alunos a formular hipóteses sobre regras e irregularidades da escrita convencional;
- levar o aluno a refletir, a compreender, a tomar consciência das variações entre fala e escrita;
- conceituar e identificar o ditongo;
- levar os alunos a reconhecer que o ditongo, muitas vezes, não é pronunciado na fala, mas que ele existe na variedade da escrita padrão da língua.

Na aula seguinte a professora devolveu a atividade com a letra da canção aos alunos e propôs realizar a correção das palavras que deveriam ser escritas nos espaços. Os alunos foram convidados a observar e comparar a escrita da palavra pela professora (variedade padrão) com a forma monotongada. Os alunos foram levados a se questionar por que escreveram daquela forma as palavras confrontadas e puderam reconhecer que havia variação entre o que se diz e o que se escreve.

Logo, a professora convidou os alunos a fazer uma lista de outras palavras em que mesma situação pudesse acontecer: fala-se de forma monotongada e escreve-se na variedade padrão com o ditongo. Os alunos que quiseram foram ao quadro para escrever as palavras sugeridas pelo grupo.

Na aula subsequente, a professora levou para a sala uma atividade lúdica e interativa com o objetivo de auxiliar na ortografia das palavras com ditongo: uma cruzadinha gigante feita sobre uma placa de metal. As letras para formação das palavras foram feitas de material imantado para que ficassem fixadas na placa de metal.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Resultados e discussões

O material entregue para os alunos completarem a letra da canção com as palavras que faltavam comprova a dificuldade já identificada pela professora em outras situações de escrita.

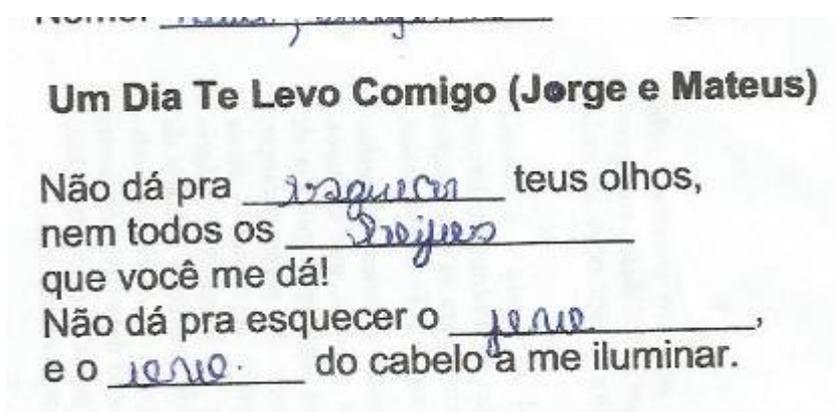


Imagem 1: Exemplo de material impresso com o trecho da canção apresentada aos alunos para completar as lacunas.

Foi possível perceber que a comparação entre a forma escrita padrão e a forma escrita induzida pela fala já provocou nos alunos uma reflexão sobre as diferenças fonéticas entre essas duas modalidades.

Essa constatação se deu pelo fato de que os alunos foram capazes de dar exemplos de outras palavras em que ocorre a monotongação na fala. Vejamos na imagem a seguir o levantamento de algumas dessas palavras escritas no quadro.

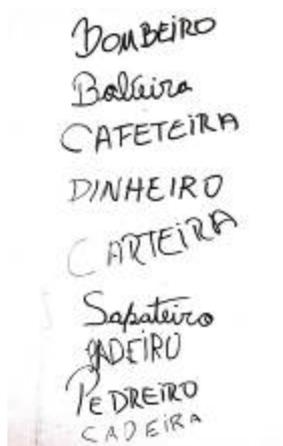


Imagem 2: fotografia do quadro branco com palavras escritas pelos alunos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A fim de julgar se houve ou não a percepção real da diferença entre o que se fala e o que se escreve, ou seja, se houve sucesso na tentativa de amenizar a ocorrência da monotongação, solicitou-se que os alunos escrevessem no caderno o primeiro verso da canção e observamos que os alunos escreveram corretamente as palavras que antes apareceram monotongadas.

Constatou-se nos exemplos a seguir que as palavras com ditongo “beijos”, “cheiro” e “louro” aparecem escritas com ausência da monotongação.

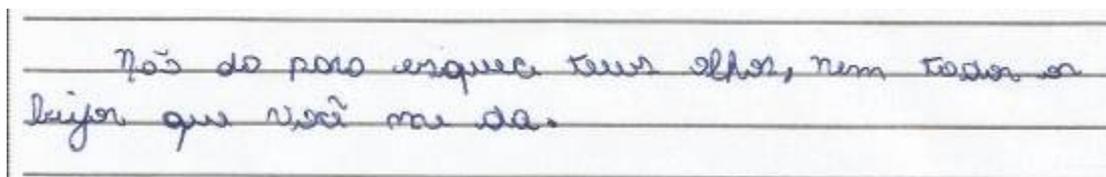


Imagem 3: Transcrição: *Não dá para esquecer teus olhos, nem todos os beijos que você me dá.*
(Aluna F. S.)

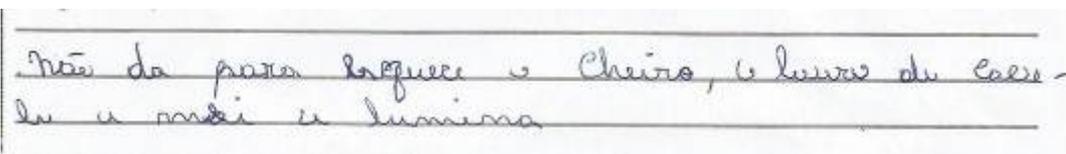


Imagem 4. Transcrição: *Não dá para esquecer o cheiro, louro do cabelo e a meiga e luminosa.* (Aluno D. C.)

Destacamos aqui a atividade com a cruzadinha gigante, pois esta propunha associar o raciocínio para descobrir quais eram as palavras que completavam os espaços ao aspecto motor (procurar as letras necessárias e colocá-las nos espaços adequados). Isto também possibilitava ao aluno perceber que, na fala, era possível haver a monotongação, mas que se tentasse colocar as letras da palavra dessa forma, um espaço ficava sobrando na cruzadinha.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

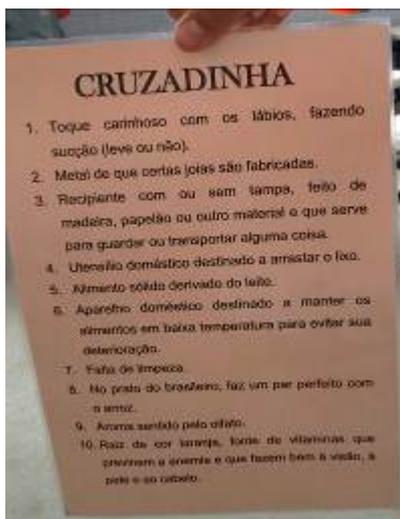


Imagem 5: Dicas apresentadas aos alunos para completar a cruzadinha.



Imagem 6: Grupo de alunos interagindo com as letras móveis confeccionadas em material imantado para completar a cruzadinha com as palavras descobertas.



Imagem 7: Alunos completando a cruzadinha feita sobre uma placa de metal com as letras móveis.



Conclusões

Aqui pudemos demonstrar que os fenômenos da ditongação e monotongação, se considerados como variantes linguísticas à luz dos estudos fonéticos e fonológicos, podem ser minimizados na escrita com o auxílio do professor, quando este propuser atividades de retextualização – transformação do texto falado para o texto escrito - (MARCUSCHI, 2007) que levem o aluno à reflexão sobre diferenças e semelhanças entre a fala e a escrita, a fim de alcançar a “consciência fonológica” (LAMPRECHT, 2012).

Entendemos que esses fenômenos são frutos de assimilações sonoras, que são fenômenos contínuos e que, enquanto a língua existir, haverá variação e assimilação. Os também chamados “erros de ortografia” cometidos pelos alunos resultam dessas variações na pronúncia.

Acreditamos que é papel da escola se preocupar em formar, sobretudo, leitores e escritores proficientes de textos. Por isso, cremos que o domínio da escrita na variante padrão da língua é uma constante e legítima preocupação entre os educadores que desejam ver seus alunos inseridos no universo da variante de prestígio.

No desenvolvimento deste trabalho, percebemos que são muitos os problemas relacionados à ortografia – referindo-se à variedade padrão – mas, acreditamos que é preciso considerá-la como um objeto de aprendizagem baseado na reflexão. Por isso reconhecemos que não é possível resolver todos os problemas de escrita que os alunos apresentam ao mesmo tempo. Também entendemos que é pouco eficaz corrigir tudo sempre, já que o aprendizado da ortografia é um processo gradual, complexo e que requer tempo (MORAIS, 2010).

Por fim, avaliamos como positiva a aplicação dessa breve sequência didática, esperando que ela possa auxiliar o professor na tarefa de apontar os caminhos possíveis para o desenvolvimento das habilidades linguísticas em torno dessa questão, mas devemos ressaltar que é necessário que os conceitos apreendidos pelos alunos devam ser rerepresentados sempre que houver necessidade de relembrar seu uso.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. **Ditongação X Monotongação no falar de Fortaleza.** *Revista Graphos*, v. 5, n. 1, 2000. Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/9349>>.

BISOL, Leda. **O ditongo na perspectiva da fonologia atual.** In: *D.E.L.T.A.*, vol. 5, n.2, p.185-224, 1989. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000164&pid=S0102-4450200700020000300004&lng=em>.

HORA, Dermeval. **Teoria da Variação:** trajetória de uma proposta. In: HORA, Dermeval (org). *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade.* p.13-28. João Pessoa: 2004.

LAMPRECHT, Regina (org). **Consciência dos sons da língua:** Subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa. 2ª ed. Porto Alegre, EDPUCRS, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2007.

MORAIS, AG de. **Ortografia:** objeto de aprendizagem baseada na reflexão. *Revista Educação-Guia da Alfabetização.* Segmento, p. 30-45, 2010.

NETTO, Valdir Manoel; DI PALMA BACK, Angela Cristina. **Monotongação e ditongação em textos escolares:** Uma análise sociolinguística com ênfase no letramento. *Seminário de Pesquisa da Linha “Educação, Linguagem e Memória”*, v. 2, n.2, 2012.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e fonologia do português brasileiro.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Taís Cristófar. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 10ª ed. São Paulo. Contexto, 2014.

SILVA, Fabiana de Souza. **O processo de monotongação em João Pessoa.** In: HORA, Dermeval (org). *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade.* p.29-43. João Pessoa: 2004.